

O ANTROPOFAGISMO EXISTENCIAL NAS IGREJAS



"[13] Porque vocês, irmãos, foram chamados para viver em liberdade. Não a usem, porém, para satisfazer sua natureza humana. Ao contrário, usem-na para servir uns aos outros em amor. [14] Pois toda a lei pode ser resumida neste único mandamento: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. [15] Mas, se vocês estão sempre mordendo e devorando uns aos outros, tenham cuidado, pois correm o risco de se destruírem. [16] Por isso digo: deixem que o Espírito guie sua vida." (Gálatas 5.13-16a – Nova Versão Transformadora)

1. INTRODUÇÃO

Na imagem a píton sufocou a jararaca enquanto era mordida por ela. Ambas as serpentes morreram. Uma por asfixia, outra por causa do veneno. Tal figura me trouxe à memória um problema que, ultimamente, se tornou bastante comum no meio cristão: o “antropofagismo existencial” presente em muitas igrejas evangélicas. Antropofagia é o ato de comer uma ou várias partes de um ser humano. Os povos que cultivavam essa prática tinham o pensamento de que, agindo assim, receberiam as habilidades, força e virilidade do inimigo. Em linguagem figurada, o texto bíblico acima se encaixa perfeitamente no contexto da fotografia.

Na carta que escreveu aos cristãos da Galácia, o apóstolo Paulo alerta para uma realidade presente entre os membros daquela comunidade: **a falta de amor mútuo**. Algo que, se não tratado, resultaria na destruição da comunidade. Na epístola Paulo fala acerca do perigo que os cristãos corriam de destruir uns aos outros pelo mútuo “morder e devorar”, como resultado da provocação e inveja uns dos outros (v. 26). No texto grego, para o verbo “morder”, é utilizado o vocábulo δάκνω (*dáknō*), que expressa a ideia de “*contender e lutar como animais selvagens lutam às vezes, até que ambos sejam mortos*”. O sentido figurado de morder e devorar alguém, é o de subtrair da pessoa o que ela é em essência, isto é, seus sonhos, projetos, esperanças e motivações. Com isso, além da pessoa deixar de ser quem é, ao mesmo tempo ela deixa de se transformar naquilo que um dia poderia ser. É por essa razão que a figura de linguagem utilizada por Paulo se encaixa tão bem no contexto eclesial de muitas comunidades evangélicas. A contenda destrói a espiritualidade e a felicidade um do outro. De modo que a maneira mais rápida de destruir a comunhão em uma igreja é desenvolver um ambiente de discórdia.

2. O IDEAL DIVINO VERSUS A PRATICIDADE HUMANA

Em tese, a comunidade do Cristo ressurreto é composta por gente que tem, como fundamento, a paz, o amor e a edificação mútua (cf. Romanos 14.19). Aqueles que pertencem à Igreja do Senhor Jesus Cristo têm como meta “*agradar ao próximo visando o que é certo, com a edificação deles como alvo*” (cf. Romanos 15.2 – NVT). Quando cada membro do Corpo de Cristo cumpre bem a sua função, ele “*ajuda os demais a crescer, para que todo o corpo se desenvolva e seja saudável em amor*” (cf. Efésios 4.16 – NVT).

Na prática, porém, não é bem assim que as coisas acontecem. Nos mais de trinta anos de vivência eclesial, conheci pessoas que foram (e muitas ainda são) verdadeiros instrumentos de Deus na minha vida, na vida de minha família e também no meu ministério. Louvo a Deus pela vida de cada um deles. Mas nos últimos anos tenho contemplado o aumento alarmante do número de pessoas que têm como objetivo maior “se dar bem” a qualquer custo. Para elas não importa a quantidade de vidas que serão “sacrificadas” ao longo do caminho. Na ânsia de tornar em realidade sonhos e projetos pessoais, gente assim é capaz de atropelar e passar por cima de toda e qualquer pessoa que esteja em seu caminho. Como resultado, o que vejo em muitas igrejas são “irmãos” mordendo e devorando uns aos outros em busca de poder, privilégios, posição social e suas correlações.

Movidos por ciúmes, inveja, partidarismo e divergências de ideias, muitos dos que se dizem cristãos são capazes de sabotar até mesmo aquilo que tem origem no coração de Deus. Quando confrontados, se eximem de qualquer culpa com a justificativa de que Deus é soberano, está no controle de todas as coisas e que tudo acontece tão somente pela Sua vontade. Tal afirmação não passa de uma grotesca substituição do conceito de soberania¹ divina pela ideia de determinismo² teológico. O pior disso tudo: grande parte desses “cristãos” são líderes eclesiais, pessoas que ostentam a imagem de homens e mulheres de Deus, mas que na verdade são bem semelhantes aos líderes religiosos da época de Jesus. Gostam de se sentar nos lugares de honra na igreja e à cabeceira da mesa nos banquetes. Se aproveitam de qualquer oportunidade para receber saudações respeitadas em público e ostentar suas indumentárias finas (cf. Marcos 12.39; Lucas 11.43; 20.46).

3. SERPENTÁRIOS ECLESIASTICOS

Há igrejas que, em vez serem locais de comunhão e de adoração a Deus, são verdadeiros serpentários. Onde pela lógica deveria haver apenas ovelhas, não raramente encontramos serpentes, dos mais variados tipos e tamanhos, sufocando e envenenando seus semelhantes, como na fotografia inserida na presente reflexão. É gente que ignora o fato de que invejar o chamado de outra pessoa pode

¹ **Soberania.** Qualidade ou condição de soberano de superioridade derivada de autoridade, domínio, poder.

² **Determinismo.** Princípio segundo o qual tudo no universo, até mesmo a vontade humana, está submetido a leis necessárias e imutáveis, de tal forma que o comportamento humano está totalmente predeterminado pela natureza, e o sentimento de liberdade não passa de uma ilusão subjetiva.

destruir o próprio chamado. Muitas comunidades cristãs têm como frequentadores seres peçonhentos, que destroem a si mesmos e aos demais, mordendo e devorando uns aos outros. Cada um deles justifica as suas ações afirmando que agem de acordo com a santa e soberana vontade de Deus. É o tipo de pessoa que mata sem tirar a existência. São anuladores de sonhos e projetos alheios. Por causa de gente assim, muitos cristãos perderam a capacidade de amar e de se entregar ao amor. Por mais que desejem, lhes faltam forças para confiar novamente e se desarmar.

Quem acaba sofrendo com todo esse antropofagismo existencial são os cristãos simples de coração e humildes de espírito, que quase sempre são vítimas fáceis dessa ambiência altamente tóxica que se faz presente em muitas igrejas. Quantas pessoas emocionalmente e espiritualmente adoecidas estão na igreja e, em vez de receberem cura, tem a vida administrada com venenos que nem mesmo deveriam existir no meio do povo santo de Deus (cf. Efésios 5.3-11)? É gente que, mesmo sendo membro do Corpo de Cristo, tem dificuldade para respirar algo mais puro; e em vez de receber oxigênio por parte da comunidade, é estrangulado e sufocado até ele exaurir a última molécula de ar.

Quando não é assim, o que vemos muitas vezes são pessoas definhando existencialmente, enquanto seus líderes assistem passivamente a cena, totalmente inertes e despreocupados. Sobre esse tipo de pessoa Jesus declarou: *“Que aflição os espera, mestres da lei! Hipócritas! Fecham a porta do reino dos céus na cara das pessoas. Vocês mesmos não entram e não permitem que os outros entrem. (...) Atravessam terra e mar para converter alguém e depois o tornam um filho do inferno, duas vezes pior que vocês... Guias cegos! Coam a água para não engolir um mosquito, mas engolem um camelo. (...) Têm o cuidado de limpar a parte exterior do copo e do prato, enquanto o interior está imundo, cheio de ganância e falta de domínio próprio. (...) São como túmulos pintados de branco: bonitos por fora, mas cheios de ossos e de toda espécie de impureza por dentro. Por fora parecem justos, mas por dentro seu coração está cheio de hipocrisia e maldade.”* (Mateus 23.13, 15, 24-25, 27-28 – NVT).

4. CONSEQUÊNCIAS DO ANTROPOFAGISMO EXISTENCIAL

Por pior que seja a realidade eclesial de determinada comunidade local, sempre existe a Igreja dentro da igreja. Sempre há aqueles cujos joelhos não se dobraram diante do fétido e corrompido sistema religioso que os cerca. Tais pessoas são vistas por líderes religiosos – aqueles voltados ao próprio ventre – como algum tipo de ameaça. Com receio de terem que abdicar do poder, do trono, tais líderes fazem o que estiver ao alcance deles para se perpetuarem na condição e posição que conquistaram. Para isso, tiram a voz dos que consideram seus opositores, minam a relevância espiritual deles, e muitas vezes os criticam e os submetem ao ostracismo existencial, em algum lugar onde não representem ameaça. Os resultados de tais atos para a comunidade cristã local são terríveis.

O que menciono e afirmo aqui, o faço com conhecimento de causa. Já participei de escola bíblica dominical onde, nas aulas, não se utilizava a Bíblia. Ao aluno não era permitido expor opinião pessoal, para não ofuscar o “brilhantismo intelectual” do professor. Já presenciei pregações em que a

exposição bíblica foi substituída pelo conteúdo de revistas e jornais periódicos, ou por lindas historinhas alegóricas com finalidades puramente motivacionais. Cansei de ver a expressão “Está escrito!” (cf. Mateus 4.4, 7, 10, 21.13; Romanos 1.17; 3.4, 10; 1Coríntios 4.6) dar lugar a achismos, a interpretações bíblicas distorcidas e a conceitos teológicos totalmente equivocados. O mais triste é que, mesmo diante de todas essas atrocidades, grande número de pessoas ainda aplaude esse circo de horrores.

Mesmo em uma visão macro, é nítida a percepção de um antropofagismo existencial mútuo por todos os lados. De modo que, quando não somos motivados pelo amor, nos tornamos críticos de nossos semelhantes. Paramos de procurar o que há de bom e vemos somente as falhas; logo, a unidade cristã é quebrada. Dependendo da intensidade das “mordidas” que recebemos das pessoas – principalmente daquelas em que confiamos – ficamos emocionalmente e mentalmente desfigurados. Até mesmo nossa aparência exterior é adulterada. Passamos a exibir uma existência fragmentada, sem vida e sem propósito

5. NEM TUDO ESTÁ PERDIDO

Para aqueles que têm o desejo de sobreviver perante a essa realidade antropofágica, é necessário aplicar em sua vida o “antídoto” receitado pelo apóstolo Paulo: *“Não imitem o comportamento e os costumes deste mundo, mas deixem que Deus os transforme por meio de uma mudança em seu modo de pensar, a fim de que experimentem a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para vocês... Não permitam que outros os escravizem com filosofias vazias e invenções enganosas provenientes do raciocínio humano, com base nos princípios espirituais deste mundo, e não em Cristo... Não acreditem neles, mesmo que afirmem ter recebido uma visão espiritual, uma revelação ou uma carta supostamente enviada por nós”* (Romanos 12.2; Colossenses 2.8; 2Tessalonicenses 2.2b – NVT).

6. CONCLUSÃO

Certa vez, o teólogo cristão francês João Calvino (1509 – 1564) declarou: *“Quão lamentável, quão irracional é que nós, os membros do mesmo corpo, nos associemos uns aos outros, por iniciativa própria, para destruição mútua”*. É dessa forma que pessoas se destroem, amizades acabam, relacionamentos terminam e famílias são dizimadas. O antropofagismo existencial tortura as afeições, incomoda a mente, inflama o sangue, corrompe o coração, devasta o espírito; e assim se torna, ao mesmo tempo, torturadora e carrasco do homem. Não seja envenenador de projetos. Também não seja sufocador de sonhos. Seja instrumento de edificação e não de destruição na vida das pessoas. Torne-se degrau por meio do qual outros tenham a capacidade de ir além do que já foram e amplifiquem ainda mais a extensão do Reino de Deus na terra. Nunca alimente o desejo de “morder e devorar” aquele a quem Deus chama de filho, pois, quem chama Deus de Pai, não pode escolher irmão.

Soli Deo Gloria.